



Aguinaldo da Silva SANTOS\*

 <https://orcid.org/0000-0002-8553-7258>

Silvane Aparecida de FREITAS\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-0619-1499>

Maria Cristina Lopes dos SANTOS\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-7560-0260>

Recebido em: 9 de julho de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2020

## A ESCOLA APARELHADA E INSTRUMENTALIZADA COM O PANÓPTICO

### RESUMO

**Introdução:** Discutimos sobre a formação do discurso ideológico manifestado no ambiente escolar, especificamente, os detectados em documentos oficiais, como as Atas. **Problema de pesquisa:** Como o discurso ideológico da escola e os mecanismos de vigilância constituem e legitimam a identidade dos sujeitos escolares? **Objetivo:** Analisar a relação entre a ideologia, a disciplina e o contexto escolar, sob o respaldo teórico althusseriano e foucaultiano, visando despertar a temática do professor reflexivo em sua prática cotidiana. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa com análise pela perspectiva bibliográfica e documental, fundamentada em autores como: Althusser (1980) e Foucault (1987), dentre outros. Desse modo, analisaremos as Atas de Alunos de determinada escola redigidas no triênio 2015 – 2017. **Resultados:** Nas análises, evidenciou-se o discurso ideológico como constitutivo do sujeito escolar e que se tornou perceptível nos documentos como instrumento de disciplinarização no âmbito educacional. **Discussão:** A falta de reflexão na prática profissional ou a ausência de suporte teórico na formação para poder produzir transformação no meio no qual atua, possivelmente, tem condicionado o educador, no sentido de ser protagonista na constituição de sua própria identidade e libertador de outros sujeitos. **Conclusão:** Ao analisar as denominadas “Atas de Alunos” da referida escola, acerca dos fatos ocorridos no cotidiano escolar, conforme os professores, os alunos são considerados violentos de acordo com a cosmovisão de cada autor.

**Palavras-chave:** Escola. Discurso. Disciplina. Ideologia. Panóptico.

## THE PANOPTIC EQUIPPED AND OPERATING SCHOOL

### ABSTRACT

**Introduction:** We discussed the ideological discourse manifested in the school environment, mainly those detected on official documents, such as the minutes. **Research problem:** How do school ideological discourse and surveillance mechanisms constitute and justify the identity of school individuals? **Purpose:** Review the relationship between control, and school context, supported by Althusserian and Foucaultian theory framework, aims at arousing the thoughtful teacher theme in their everyday life. **Methodology:** Qualitative research which analyses bibliographic and documental perspective, underpinned by authors such as Althusser (1980) and Foucault (1987), among others. Consequently, we will examine the minutes written in the period from 2015 to 2017, about students at a given school. **Results:** In the analysis, it was emphasized the ideological discourse as part of the school individual, and it had become noticeable on the documents as a regulatory instrument in the educational field. **Discussion:** The lack of critical thinking about professional contexts, together with no theoretical support for professional development, may cause a transformation in the environment they work, it has possibly conditioned the educator as the protagonist when constituting their own identity as well as other individual's liberator. **Conclusion:** Reviewing those “Student's Minutes” from the given school, regarding the events that occurred at school routine, according to teachers, students are considered violent in consonance with the worldview of each author.

**Keywords:** School. Speech. Disciple. Ideology. Panopticon.

\* Mestre em Educação / Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, CAPES. vinculado à linha de pesquisa *Linguagem, Educação e Cultura*. Integrante do Grupo de Pesquisa CNPQ “Linguagem e ensino”. E-mail: [praguinaldo12@hotmail.com](mailto:praguinaldo12@hotmail.com)

\*\*Pós Doutorado UNICAMP / Campinas, estágio pós doutoral na Universidade do Porto / Portugal. Professora. Atuante no Mestrado da UEMS, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul / Paranaíba. Líder do grupo de pesquisa CNPQ “Linguagem e ensino”. E-mail: [silvaneafreitas@hotmail.com](mailto:silvaneafreitas@hotmail.com)

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela UFMS 2010, Especialização; Supervisão, Orientação e Gestão Escolar com Ênfase em Psicologia Educacional. Atua como Professora concursada no município de Três Lagoas. E-mail: [cristina-lobes-s@hotmail.com](mailto:cristina-lobes-s@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte na Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, sob o título: “INTERFACES DO DISCURSO DE VIOLÊNCIA EM LIVROS ATAS ESCOLARES”, oportunidade em que observamos uma escola, objetivando analisar excertos das Atas de Alunos. A opção pela investigação de uma escola municipal de Três Lagoas-MS está na necessidade de se comprovar ou refutar a hipótese de que o fenômeno social da violência seja natural à escola.

Além disso, existe tentativa de amenizar um dos estigmas mais marcantes dessa escola, que é o discurso de senso comum pelo qual é rotulada como: “essa escola é uma das mais violentas da cidade”. Portanto, “a escola mais difícil para se trabalhar da cidade”, possivelmente, devido a sua localização periférica na cidade e estar entre alguns dos bairros mais pobres do município. Daí, o provável motivo de haver esses burburinhos entre profissionais da educação, bem como relato de moradores da cidade.

Tendo em vista a suposição de que a “escola era violenta”, fomos para pesquisa de campo, com o fito de constatar, ou não, tal fato. Em uma primeira pesquisa de campo, fomos ao local, onde pode-se observar a partir dos muros e grades bem pintados em cores branca e azul, os portões abertos, sem nenhuma segurança, ou seja, sem ninguém para abordar quem entra ou sai. Tivemos acesso direto à secretaria e fomos orientados a aguardar para sermos recebidos pela direção. Após concluir seu atendimento a alguns alunos, o diretor nos recebeu em sua sala, localizada no final do corredor. A partir desse estreito corredor, pode-se ver, à frente, a sala de coordenação e a sala dos professores, com portas de vidro. Em seguida, tivemos acesso a toda a escola, com suas salas em blocos paralelamente localizados.

Acessamos os documentos internos da escola e, nos livros Ata de Alunos, selecionamos o do triênio 2015 a 2017. Dentre as centenas de registros no livro, pinçamos algumas para análise. Por razões de resguardar a privacidade dos envolvidos na pesquisa, seus nomes e da instituição foram substituídos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental e, para a análise dos dados coletados e selecionados, foi realizado um levantamento bibliográfico na área da Análise do Discurso de orientação francesa e utilizado seu procedimento metodológico. Sendo assim, tentaremos desenvolver uma reflexão teórica sobre a disciplinarização e a violência na escola, partindo de noções conceituais de campos diferentes, como a Filosofia, com sua interdisciplinaridade, atravessando outros campos de saberes como a Educação.

Conforme constatamos em campo e nos documentos internos da escola, como os livros “Ata de Alunos”, que compõem *corpus* para análise desta pesquisa, é inegável e irrefutável a presença do discurso ideológico na escola consolidando saberes e práticas próprias dos professores. Por isso, partimos do seguinte questionamento: como o discurso ideológico e mecanismos de vigilância constituem e legitimam a identidade dos sujeitos escolares? Assim, espera-se, por meio desta pesquisa, despertar nos professores a importância do estímulo ao pensamento crítico e reflexivo, além da atitude investigativa e interativa, resultando na percepção da necessidade de ampliar e melhor fundamentar sua formação profissional, e, finalmente, poder favorecer a sociedade com essas reflexões.

Nos dias atuais, nota-se a necessidade de um despertar da consciência profissional docente, no sentido de uma autocrítica de suas práticas, visto que se pode refletir sobre os problemas que interferem no contexto escolar, mais possivelmente em questões relacionadas ao comportamento, à aprendizagem e ao desenvolvimento geral dos alunos.

Por necessidade de delimitação, neste artigo, tratamos de questões relativas ao aparelhamento da escola pelo Estado por meio da Ideologia, dialogando com o panoptismo, conceituado por Jeremy Bentham (2000) e articulado com Michel Foucault (1987). Para isso, trazemos também as contribuições de Louis Althusser (1980) sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado. Buscamos, por meio desses autores, fomentar o debate e entender a importância da reflexão da prática docente “automática”, ou seja, sem uma verdadeira consciência da potência de sua influência e do quanto seu trabalho, enquanto professor, transforma seus alunos, a comunidade escolar e a sociedade.

A escola, ao ser olhada pelo prisma da ideologia e da disciplina, traz à tona a questão das instituições de formação de professores que precisariam questionar a estrutura de seus currículos, tendo em vista a necessidade de atender as especificidades na formação que ofereça respostas às demandas educacionais do mundo “globalizado” com suas constantes mudanças sociais, científicas e tecnológicas, principalmente, no que tange às interferências das *mídias* no processo das transformações socioculturais sob efeito ideológico.

Diante disso, urge a importância de se pensar a atuação do profissional da educação, questionando seus compromissos com a educação e com seus pares, uma vez que a ideologia althusseriana presente na escola pode ser vista como benéfica ou maléfica, depende da perspectiva pela qual se olha.

Partimos do princípio de que os professores precisam assumir o trabalho educativo de uma maneira mais reflexiva e crítica, com a pretensão, evidentemente de ensinar e aprender. A escola aparelhada pelo Estado ideológico aplica tecnologias de disciplinamento, por vezes, sem suporte teórico desarticuladas da realidade sócio-histórico-cultural da escola, porém, revestidas de roupagem educativa, alegando a necessidade de atender às necessidades sociais.

Mediante o exposto, nosso objetivo é analisar a relação entre a ideologia, a disciplina e o contexto escolar, sob o respaldo teórico althusseriano e foucaultiano visando despertar a temática do professor reflexivo em sua prática cotidiana, conseqüentemente, levando-o a seu desenvolvimento pessoal e profissional. Como objetivo específico, pretendemos, também analisar a discursividade ideológica mecanizada com base no panóptico (BENTHAM, 2000), no contexto escolar, presente nas Atas dos alunos como instrumento de disciplinarização no âmbito educacional.

A prática profissional do professor, quer seja em sala de aula ou na gestão escolar, é imprescindível, mas para isso, necessária se faz a articulação da reflexão sob o amparo teórico para dar o sentido mais nobre possível à sua prática.

Desse modo, defendemos a necessidade de um processo de formação docente de forma contínua visando possibilitar melhores condições de desenvolvimento pessoal, profissional, teórico e de pesquisa dando abertura para o sujeito criticar refletir e, naturalmente, constituir-se enquanto sujeito ativo, capaz de provocar mudanças, o que se evidenciará no âmbito em que atua e na sociedade como um todo.

## 2 IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

O filósofo e escritor Louis Althusser nas obras “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” (1980) e “Sobre a reprodução” (1999), aborda acerca da teoria do Estado marxista, em que problematiza a Ideologia e a ideologia, ao tratar da reprodução das relações de produção. A Ideologia é, segundo o autor, uma formação social que precisa reproduzir suas condições de produção para continuar existindo, ou seja, precisa produzir as forças produtivas e as relações de produção existentes.

Assim, refletiremos sobre a teoria althusseriana na escola, enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE), já que toda formação social revela um modo de produção dominante. Logo, é impossível a manutenção de uma sociedade sem reproduzir as condições materiais da produção, isto é, dos meios de produção (ALTHUSSER, 1980, p. 17).

Dando continuidade à questão da ideologia, buscamos em Brandão (2004) a afirmação de que a ideologia é o modo de vida pelo qual o ser humano se relaciona em suas condições reais de existência, tal relação se dá no âmbito de seu imaginário. Portanto, em seu ponto de vista, o imaginário é o modo como o homem atua e se relaciona com as condições reais de vida.

A existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Em outros termos, a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações (BRANDÃO, 2004, p. 25).

A questão salarial docente faz parte da engrenagem não só da força de trabalho gasta pelo professor e que deve servir para que a força de trabalho se reproduza, mas lhe são apresentadas supostas necessidades, formando, assim, o ciclo. De acordo com Althusser, essas condições de sobrevivência são impostas historicamente, ou seja, são socioculturalmente determinadas.

O sistema educacional aliado a outras instituições opera com a finalidade de suprir as demandas de formação na divisão técnica e social do trabalho. Desse modo, o fazer docente não reflexivo faz com que sua força de trabalho do professor seja reproduzida sem a consciência de estar movendo o sistema do processo de reprodução (ALTHUSSER, 1980, p. 19-20).

Althusser (1980) aponta ainda que a escola é a responsável por transmitir regras, costumes e comportamentos socialmente desejados, além de definir o lugar do sujeito na divisão do trabalho na sociedade. Paralelamente à escola, estão a igreja e a família, todas tratando da disciplina de seus membros, dando-lhes as formas necessárias à vida social.

A perspectiva oferecida por Althusser acerca dos aparelhos nos permite analisar a escola quanto à sua funcionalidade por meio da violência e, ainda que essa se manifeste de forma invisível, essa é uma de suas características principais, bem como é aplicada nos presídios, na administração, nos quartéis e outras instituições repressivas do Aparelho de Estado (AE) que funciona pela violência, mas também por meio da ideologia de forma coercitiva (ALTHUSSER, 1980, p. 43).

A escola, a igreja, a família, os meios de comunicação de massa e diversas instituições que compõem o Aparelho Ideológico de Estado (AIE) possuem realidades e sistemas diferentes. Aparentemente dispersos por estarem distribuídos no setor privado e no público, como por exemplo, as escolas públicas e particulares. As escolas, enquanto aparelhos ideológicos, atuam pela ideologia, embora utilizem métodos de exclusão e castigo como disciplina para os sujeitos.

Nas análises de Althusser, o AIE escola é visto pela sociedade de forma afirmativa por ser fortalecido pelo próprio Estado por meio de outras instituições (ALTHUSSER, 1980, p. 60). Ao modo althusseriano, com as formas de sujeição dos sujeitos à ideologia:

[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto, para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto, para que “realize sozinho” os gestos e os atos da sua sujeição. Só existem sujeitos para e pela sua sujeição. É por isso que “andam sozinhos”. Não podemos entender este conceito como se a ideologia tivesse uma vida própria, ou formada individualmente em cada sujeito. A questão principal está na relação de classes sociais, onde há uma separação da produção fabril da produção intelectual, os pensadores se distanciam da realidade de produção material e definem conceitos que não são condizentes com a realidade histórica (ALTHUSSER, 2001, p. 101).

A escola possui papel imprescindível na constituição do sujeito desde sua infância, pois ali ele é formado e introduzido na vida adulta. Simultaneamente, deve protegê-lo de agressões, violências, discriminação etc., uma vez que a escola é a segunda instituição que tem o maior tempo na vida do sujeito estudante. A escola recolhe todas as crianças de todas as classes sociais desde muito cedo, desde o período em que elas estão mais vulneráveis, e inculca-lhes os saberes práticos que a ideologia dominante tem como fundamentais.

Todos os anos, uma grande massa de sujeitos mal conclui o Ensino Fundamental e abandona os estudos para poder preencher demandas de subempregos no mercado de trabalho. Os demais prosseguem os estudos, motivados por melhores posições em linhas de produção para o capitalismo, como operários especializados em cursos técnicos. Uma minoria galga o nível superior educacional e, normalmente, se tornarão chefes proletariados sobre operários na produção capitalista. Esses sujeitos estão sob a ideologia que lhes determina seus respectivos lugares sociais (ALTHUSSER, 1980, p. 65).

Segundo Althusser (1980), só há prática por meio da ideologia, ou seja, todas as práticas são intermediadas pela ideologia, não há prática neutra, limpa, longe da ideologia. Só existe ideologia através e para sujeitos porque o funcionamento da ideologia depende da existência do sujeito. Para ele, a ideologia se materializa em prática.

Ora, é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (savoir-faire) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados (ALTHUSSER, 1980, p. 66-67).

Na escola, cada aluno é diferente do outro, mas todos com capacidade para aprender, basta que lhes deem condições e oportunidades para que isso ocorra. Segundo esse autor, é

papel da escola, enquanto aparelho, moldar cada sujeito para que sejam cidadãos preparados para exercer qualquer função dentro da sociedade. Além da família, a escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade e é um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada da criança por meio de atividades em grupo, caracterizando, em cada criança, o sentimento de sentir-se um ser social. Os mecanismos que envolvem a reprodução das relações de produção são envolvidos pela ideologia da escola. Livre de qualquer tipo de ideologia libertadora, os alunos tendem a seguir o exemplo dos adultos, tendo em vista o que lhes é transmitido por conhecimentos virtuosos e libertadores.

O sujeito educador reproduz seus conhecimentos e sua concepção de mundo aos alunos para que possam desenvolver aptidões, capacidades e habilidades e, assim, poderem assumir funções sociais. Sendo assim, presume-se, como resultante das relações entre professor e alunos, que estes venham a ter, além de uma adequada aprendizagem, determinados comportamentos e, tendo em vista ser o professor seu referencial, este acaba por influenciá-lo.

Para o filósofo Althusser (1980), a ideologia é imaginação e também ilusão, por não ser a realidade de vida dos indivíduos, mas o modo como concebem o mundo, a ideologia possui existência material em seu modo de expressão no mundo físico. A ideologia pode ser manifesta por meio de práticas rituais. A escola, por exemplo, possui em sua rotina cotidiana de forma ordenada e repetida atos que devem ser executados impreterivelmente pelos alunos.

Desse modo, as ideias de um indivíduo existem, materialmente, em suas práticas, as quais são definidas pelo aparelho ideológico de Estado. A ideologia escolar funciona em seu interior, ao formarem filas, a separação dos alunos por turma, ao rigor dos horários e tantas outras práticas diárias. Mas também fora do espaço escolar, há diversos comportamentos que são a continuidade do agir estudantil (ALTHUSSER, 1980).

Surge assim que o sujeito age enquanto é agido pelo seguinte sistema (enunciado na sua ordem de determinação real): ideologia existindo num aparelho ideológico material, prescrevendo práticas materiais, reguladas por um ritual material, às quais (práticas) existem nos actos materiais de um sujeito agindo em consciência segunda a sua crença (ALTHUSSER, 1980, p. 90).

A ideologia instalada tem por certo o controle, pois os sujeitos se autoconhecem e se reconhecem mutuamente, finalmente, conduzindo um ao outro. Os sujeitos constituídos ideologicamente possuem uma dinâmica de ser e agir livre e submisso a uma liberdade condicional, logo, não livre.

A escola do AIE althusseriana possui função primordial dentre os demais aparelhos, pois reproduz a sociedade capitalista pela ideologia. A educação funciona para manter o sistema, principalmente, por suas características de obrigatoriedade e gratuidade determinada pelo Estado (ALTHUSSER, 1999).

### 3 DOCILIZAÇÃO PELO PANÓPTICO DOCUMENTAL ESCOLAR

Sustentado pelo discurso de uma necessidade de prevenção à violência e delitos no ambiente escolar, além de melhorar a segurança para prática de profissionais da educação na formação docente, conforme a denúncia de teóricos como Michel Foucault (1987) e Pierre Bourdieu (1998) dentre outros, o sistema educacional tem funcionado como meio de controle e manipulação sobre essas populações. Entretanto, por delimitação e especificidade, nos basearemos na teoria foucaultiana para refletir sobre alguns dos aspectos das condições de produção, nas quais se posicionam os sujeitos discursivos escolares. Os preceitos foucaultianos são fundamentais para se entender a forma pela qual se transformam os sujeitos alunos em corpos “dóceis”, obedientes às regras internas da instituição, para que, após isso, na sociedade sejam “bons cidadãos”. Ora, não deve ser sem propósito, por exemplo, o uso do termo “disciplina” para descrever aquilo que é ensinado em sala de aula pelo professor aos alunos. Observemos que a determinação dos conteúdos que compõem essas disciplinas é determinada pelo Estado e, muitas vezes, não correspondendo nem à realidade, nem à necessidade daquela comunidade escolar.

Na descrição arquitetônica para a instituição disciplinar, segundo o filósofo Jeremy Bentham (2000), temos que:

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser de celas. Essas celas são separadas entre si e os prisioneiros, dessa forma, impedidos de qualquer comunicação entre eles, por partições, na forma de raios que saem da circunferência em direção ao centro, estendendo-se por tantos pés quantos forem necessários para se obter uma cela maior. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. [...] Cada cela tem, na circunferência que dá para o exterior, uma janela, suficientemente larga não apenas para iluminar a cela, mas para, através dela permitir luz suficiente para a parte correspondente do alojamento. A circunferência interior da cela é formada por uma grade de ferro suficientemente fina para não subtrair qualquer parte da cela da visão do inspetor (BENTHAM, 2000, p.18).

O modelo arquitetônico panóptico, criado por Jeremy Bentham, passa a ser o ideário disciplinar da sociedade atual na visão de Foucault, o qual, evidentemente, passa pelas devidas adaptações em nossos dias. Michel Foucault (2001) investiga as tecnologias de controle aplicadas à sociedade e observa: “Para ser eficiente, o panóptico deve ser ‘visível’ e ‘inverificável’; o indivíduo não precisa saber que está sendo observado, mas precisa ter certeza que poderá sê-lo a qualquer momento”.

Essa é uma perspectiva pela qual se pode observar o sistema educacional. Foucault (2001) demonstra que durante décadas se estabelece controle sobre a população escolar de modo que os estudantes, que se tornaram “dóceis”, são submetidos às políticas de disciplinamento em suas respectivas unidades escolares. Local em que são organizados, a partir do momento que adentram os altos muros e grades que os separam da “liberdade”, devido aos grandes portões de entrada, muitas vezes controlados também por um guarda ou algum funcionário. Em um pátio, são enfileirados e direcionados pelos corredores às suas salas. Já nas salas de aula, sentam-se, rotineiramente, nos mesmos lugares, novamente enfileirados, de frente para a lousa e para o professor que, panopticamente, a todos observa, analisa, avalia, fala e corrige e, por eles, é visto, ouvido e disciplinado.

Atualmente, para melhorar a “segurança” no ambiente, as escolas contam também com a disposição estratégica de câmeras instaladas em quase todo o perímetro interno e externo. Para esse tipo de análise, pelo viés foucaultiano, observa-se que as construções dos presídios, hospitais e escolas possuem praticamente a mesma distribuição arquitetônica de suas dependências e seus espaços (FOUCAULT, 1987).

O monitoramento do tempo dos professores é realizado pelo uso do ponto eletrônico na escola. A utilização “indispensável” do aparelho celular com seus aplicativos para justificar faltas no trabalho, conversar sobre trabalho após o expediente ou registrar presença. Essa é uma nova realidade na qual se encontra o docente. As relações de poder do sujeito docente com seus pares e com os alunos reproduzem, analogicamente, o panóptico aplicado por Foucault (1987), fazendo com que, por meio do mecanismo burocrático escolar, todos vigiem e sejam vigiados.

A discursividade dos professores acaba por ser marcada pelas tecnologias controladoras e disciplinadoras educacionais, pois ao adentrar os portões da instituição também passam a ser vigiados diretamente pelos gestores, que por sua vez, são fiscalizados por conselhos e secretarias de nível municipal, estadual ou federal. A vigilância foucaultiana se dá também por meio de documentos oficiais instituídos na burocracia escolar.

Essas ferramentas de fiscalização fazem parte da estrutura administrativa de caráter burocrático educacional do cotidiano de modo que seus sujeitos não se questionem e muito menos, os questionem. Desse modo, indiretamente, o próprio professor e gestores passam a sofrer a disciplinarização de forma inconsciente. Resultando, por vezes, em pressão psicológica, tensão emocional e assédio moral, além de tantas outras sequelas imperceptíveis na vida dos professores e gestores da escola.

As análises que podemos realizar no que consta materializado pelos discursos que atravessam os sujeitos educacionais é que, inevitavelmente, se tornam dóceis. Assim, essa vigilância intensa, constante e punitiva não escapa da possibilidade de ser violência, especialmente, por meio de documentos como o que ocorre em registros de livros ata, no qual constam os relatos de fenômenos das tensões entre sujeitos da rotina escolar. Desse modo, a prática de disciplinarização aplicada nos dias atuais segue o mesmo método medieval, historicamente comprovado por Foucault (1987): controlar os corpos estudantis e as populações sempre foi um anseio de poder do Estado.

Detectamos esse desejo de controle, vigilância e punição durante investigação acerca da possibilidade ostensiva de “fiscalização” que ocorre sobre os sujeitos, ao se registrarem as tensões disciplinares ocorridas dentro da instituição escolar no livro de Ata de Alunos, no qual se pretende registrar tudo, ou quase tudo que ocorre nos momentos tensos nas relações entre alunos, professores e gestores da escola. Lembramos que do lado de fora da escola, outras instituições também os “fiscalizam”. Então, internamente, por meio dos diretores, especialistas e coordenadores pedagógicos precisam “vigiar” as relações entre professores e alunos (FOUCAULT, 1987).

Além da Ata de Alunos, por meio desta pesquisa, observou-se todo o sistema de controle vivenciado dentro do ambiente escolar por meio da vigilância e o disciplinamento aplicados na escola sobre os alunos, relativos a atos considerados de violência, o que fica evidenciado nos relatos dos gestores nas Atas de Alunos da escola municipal sob investigação.

Pela pesquisa de campo, observou-se que tanto as construções pequenas quanto as grandes, tanto as antigas, com décadas ou quase centenárias, como as atuais arquiteturas aplicadas à educação visam à vigilância e à disciplinarização dos sujeitos no ambiente, panopticamente, projetado para tal fim. Há lugares e informações que não estão acessíveis a todos. Salas e documentos que apenas a gestores e professores são permitidos. O panoptismo pode ser observado nos registros realizados pelos professores em sala de aula, aos quais aos alunos é vedado o direito de acesso. Até mesmo nas Atas de Alunos, sob a versão dos

acontecimentos registrados, são redigidas na perspectiva dos gestores, que muitas vezes sequer presenciaram os fatos.

Devido à disposição em que é estruturada a arquitetura das salas de aula, torna-se mais eficaz e eficiente o controle dos sujeitos escolares. As normas escritas ou não escritas explicitam os valores esperados na conduta da comunidade educacional, o que pode servir de parâmetro para a atuação dos gestores, os quais registram tudo, quer sejam as sanções ou punições.

Ao se obter a submissão dos corpos, passa-se ao sujeitamento da alma, ou seja, da *psique*. O corpo, historicamente, segundo Foucault, sempre foi objeto de controle, o que o autor constata, é que houve a evolução da técnica. As punições foram abandonadas e trocadas por tecnologias externas ao corpo e mais sofisticadas na sutileza constitutivas das condições de produção, isto é, sendo diluídas no contexto social, histórico e ideológico dos sujeitos. No caso desta pesquisa, o vigiar se dá por meio da assinatura de uma Ata, que conota um descumprimento de normas e a possível tomada de outras medidas punitivas a partir desse registro.

Desse modo, toda burocracia instrumentaliza o controle, quer seja por uma prova avaliativa, ou o fato de assinar uma ata de advertência devido à quebra de algum ritual ou descumprimento de alguma regra interna da comunidade escolar. O rigor com o cumprimento dos horários para todas as atividades desde o momento em que se adentram os portões da escola, os alunos enfileirados em todos os ambientes, no pátio, no refeitório, nos corredores e sempre vigiados pelos profissionais da escola, as faltas ou falhas ou delitos ou ocorrências que fogem à regra recebem atenção especial e tratamento diferenciado.

Documentadas as ocorrências, conforme o julgamento dos próprios gestores, os sujeitos e suas “indisciplinas” são por vezes expostos a constrangimentos diante da sua turma de sala de aula e até de toda comunidade escolar, fazendo, portanto, valer a técnica pela coerção interna na consciência dos sujeitos alunos. Essas práticas estão presentes nessa escola, de modo a disciplinar os alunos. Portanto, esses sujeitos têm de se enquadrar em mecanismos rituais dos registros de Atas, relatórios individuais acerca da vida estudantil de cada aluno ou boletim de notas, a organização do tempo, do espaço, do conhecimento a ser recebido, dos exercícios físicos e alimentação do corpo. A isso Foucault denomina de funções disciplinares e instrumentos disciplinares os exames avaliativos, a vigilância constante e as sanções possibilitadas pelo aparelho social (FOUCAULT, 1987).

Nesta pesquisa, observamos que as práticas de vigilância afetam os alunos, mas os docentes não escapam a isso. De forma específica, nos registros das ocorrências realizadas pelos

docentes gestores é possível detectar o quanto são afetados, marcados discursivamente. Usa-se sem qualquer preocupação, tanto na fala quanto na escrita, termos usuais dos militares, dos presídios e das delegacias de polícia.

Ao redigir os textos nas Atas dos Alunos, o professor e gestor são sabedores acerca dos fenômenos resultantes das relações entre os sujeitos alunos no âmbito escolar e que, a partir desse registro, essas tensões poderão se agravar em alguns casos ou poderá vir à escola alguma fiscalização de outros órgãos educacionais, jurídicos ou ainda o dito documento ser requerido por algum motivo alheio, a escolha dos termos lexicais se torna fator importantíssimo. Resultado, portanto, da pressão e intimidação da vigilância, do controle, tensão e estresse emocional e desconforto que se aproximam da violência invisível do assédio moral.

#### **Excerto 454/2015:**

Aos nove dias do mês de novembro de dois mil e quinze o pai do estudante, S1, senhor S2, procurou a direção informando que seu filho chegou em casa, na sexta feira (06), e disse que um colega **passou a mão na bunda dele; e ele não gostou**. Foi quando o S1, que apresentou o menino S3, como **o autor da façanha**. Foi chamado S3, que questionado disse que estava batendo cartinha e perdeu, então afastou-se um pouco dos colegas que continuaram a jogar, ficou triste, ficando perto do S1, sendo que alguém **passou a mão na bunda** dele e o S1 achando que foi o S3, **começou a empurrar**, sendo que caiu em cima da arvinha. O S4 disse que estava voltando do banheiro e que quando o S1 estava **empurrando** o amigo, e foi apartar a **briga**, vindo p/ informar que não sabe quem **passou a mão na bunda** do S1. O S1, disse que uma **gangue** é que passou, foi S5, que segundo S1 faz parte da **gangue**. O S5 disse que foi S6 que passou um outro dia, não sendo na sexta, como disse S1 disse que S3 disse que o S6, fez de brincadeira que nunca viu ninguém **passa a mão na bunda** de ninguém e que o S1, também não brinca assim. **A direção foi falar com o S6** mas faltou a aula (grifo do pesquisador. ATA DE ALUNO, 445/2015. Grifos do pesquisador).

Na Ata de Alunos 445/2015, observam-se nos registros passagens tensas em que o pai do aluno “A” comparece à escola, para denunciar à diretoria da escola que o aluno “B” “passou a mão na bunda dele e ele não gostou”, o qual negou. O “autor da façanha” foi chamado à sala da direção. Conforme a versão contada por “B”, foi outra pessoa. “A” “começou a empurrar” e “B” caiu sobre uma árvore. Aparece na cena “C” que retornava do banheiro e começa a “zuar” “A”, e alguém separa a “briga” entre “A” e “B”, mas agora temos o aluno “D” que, segundo “A” faz parte de uma “gangue”. O último aluno é “D” que diz que “A” “brinca” assim com os outros. Em seguida, a Ata é concluída abruptamente “sem mais nada a relatar dou a ata por encerrada”, deixando a impressão de que os assuntos ali tratados estão definitivamente

resolvidos e encerrados, ou seja, não há mais o que se possa falar sobre as pautas abordadas. Então, a direção termina a reunião com a assinatura de todos os citados.

Vejamos, no caso supracitado, o constrangimento ao qual foram submetidos todos os alunos envolvidos, ao ter que se confrontarem diante de adultos. A situação que envolve bolinagem com tom de “brincadeira”, empurrões, briga e “zuação”. Há o conflito interno da escola, envolvendo até personagens externos, “ganguê”. A partir dessas notas, concluímos que o modo automatizado como é encerrado o registro está longe de se ver literalmente, fazer valer a frase com a qual terminam essa e outras ocorrências: “sem mais nada a relatar dou a ata por encerrada”.

A escola, enquanto aparelho ideológico althusseriano, com fins de conquistar a sujeição dos sujeitos sociais, utiliza as tecnologias dos “corpos dóceis” de Michel Foucault (1987), o que não significa necessariamente que não haja resistência das partes, quer seja dos alunos com relação ao relatado pelos professores nos ditos documentos, quer seja da parte dos próprios docentes em relação ao sistema em si e suas tecnologias que violentamente lhes invade a “liberdade” pela desburocratização.

#### **Excerto 712/2017:**

Aos vinte e sete dias do mês de junho **o professor** de Língua Portuguesa S1 **encaminha para a direção** os alunos do 6º ano X S2 e S3. **Segundo o professor** já tem uns dias que S2 vem chamando o colega de cabeça “raspada” onde **o mesmo acabou perdendo o controle e batendo sua cabeça na parede, o professor colocou os dois para fora**. S2 veio para direção alterado. não respeitando **nem direção, coordenação, inspector e professores** e ainda ameaçou de bater, quebrar as pernas do colega e até mesmo matar. **Diante dos fatos não tem como o mesmo permanecer na unidade escolar**. O professor ainda disse que S2 pegou a cadeira para jogar no colega se o mesmo não segurasse teria machuco, e também que o **aluno não respeitou as ordens do professor** (ATA DE ALUNOS, 712/2017. Grifo do autor. Possíveis erros gráficos das Atas foram mantidos).

Os dispositivos de poder são reproduzidos na relação professor gestor e aluno, e também nas demais esferas hierárquicas do sistema educacional. Na ata 712/2017, consta que determinado professor “encaminhou para a direção”. Usualmente, pouco sentido faria o “encaminhar” um aluno a outra instância da própria escola. Porém, dentro do contexto da área de saúde se faz necessário tal encaminhamento, pois há especialidades nos tratamentos. No ambiente escolar certos dizeres não são permitidos. Os discursos são controlados. Nesse exemplo, se escrito em outro contexto, remeteria o leitor a imaginar um médico, um psiquiatra,

ou outro agente da área da saúde encaminhando um paciente para realizar exames de diagnóstico ou tratamento de alguma mazela qualquer no corpo ou na alma (psique). No texto, se fala sobre o aluno ter realizado o “o mesmo acabou perdendo o controle e batendo sua cabeça na parede”. Permitindo ao leitor da Ata entender um comportamento de insanidade mental no aluno em questão.

O aluno, alterado emocionalmente e desrespeitando as autoridades escolares e as regras instituídas tanto pela boa convivência social como pelo Regulamento Interno da escola, demonstra nesses registros a hierarquização das relações de poder entre os profissionais da educação e os alunos. O aluno “alterado, não respeitando nem **direção, coordenação, inspetor e professores** e ainda ameaçou de bater, quebrar as pernas do colega e até mesmo matar”. Apenas para manter a perspectiva de análise trazida até aqui, não se relevem as vertentes acerca do ato em si, se violência, indisciplina, agressão ou outra nomenclatura que pode rotular a atitude do aluno envolvido nos fatos relatados.

Ao se pensar que “o professor colocou os dois para fora” dentro do contexto escolar, poderia se referir a alguma atividade educacional dirigida pelo professor aos alunos, com fins de aprendizado, porém, entende-se que tal prática é comum e estaria sendo imposta como algum tipo de castigo ou punição, remetendo-nos, num modo simbólico e teológico, ao caso bíblico em que Eva e Adão foram punidos, sendo expulsos do paraíso, por causa do “pecado” por eles cometido. Os discursos dos professores gestores, por meio dos registros burocráticos oficiais da escola, demonstram aceitação das práticas disciplinares aplicadas assim como em outras instituições, como quartéis, presídios e hospitais (FOUCAULT, 1987).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observou ao relacionarem as perspectivas da ideologia e do panóptico com fins de docilização dos indivíduos é que pode haver diversas possibilidades de interpretação acerca do contexto sócio-histórico, envolvendo os sujeitos escolares e sua posição social.

Como o discurso ideológico e mecanismos de vigilância constituem e legitimam a identidade dos sujeitos escolares? Os gestores escolares, ao redigir na Ata de Alunos, os fatos das relações sociais envolvendo os sujeitos escolares e outros sujeitos ou instituições, normalmente, utilizam a repetição das falas dos envolvidos e, por vezes, apresentam, de forma modalizada, os eventos em que ocorrem agressões físicas. Quando tratam de ofensas verbais, as falas são replicadas na íntegra ou parafraseadas.

O prisma pelo qual olhamos esses fatos ocorridos leva-nos a defender a necessidade de que as instituições formadoras de professores deveriam trabalhar com seus discentes a possibilidade do pensamento crítico e não só isso, que também estimulassem os profissionais, desde a formação inicial, a desenvolverem o pensar reflexivo, fundamentado teoricamente, tendo como princípio que a identidade está sempre em movimento, sempre exigindo uma complementação, assim como o processo formativo, que se dá sempre de forma contínua.

Na análise das atas, encontramos pistas deixadas por meio dos discursos de educadores e gestores no que tange ao que pode ser concebido como indisciplina e às violências praticadas nas relações dentro da comunidade educacional.

Os discursos de educadores e gestores nos livros Ata de Alunos indicam conflitos, indisciplinas ou violências físicas e verbais. Na coleta de dados selecionados das Ata de Alunos, não encontramos instrumentos e meios que poderiam ser adotados pela escola para balizar procedimentos aplicados nos casos ocorridos e preventivos para os que virão a acontecer, de modo a evitá-los. Não há, na escola, em forma de regra e que seja de conhecimento comum para os educadores, maneira de lidar com as situações concebidas como comportamentos inaceitáveis.

As Atas de Alunos servem tecnicamente como instrumento de vigilância sobre os corpos dos alunos, dentro dos espaços escolares, o que ocorre, naturalmente, como consequência do disciplinamento mental ao estar presente diante dos gestores, na sala da diretoria. O aluno, ao presenciar o registro no livro Ata e ter que assiná-lo ao fim da reunião se estabelece o temor à autoridade da própria ATA DE ALUNOS, dos educadores e da instituição escola. Diante de tal ritual, o que se espera é a intimidação dos alunos envolvidos nas “ocorrências” e a subsequente submissão de todos os demais, que se espera não cometam atos réprobos à escola.

Entretanto, reconhecendo não haver um significado absoluto acerca da verdade e uma forma absoluta de interpretação de determinada comunidade escolar, defendemos o princípio de que, por meio da interdisciplinaridade das ciências, possa se chegar o mais próximo possível da compreensão dos efeitos e causas da ideologia de disciplinarização escolar.

Reafirmando, portando, as instituições formadoras dos professores precisam ofertar possibilidades para a reflexão, sob aporte teórico, integrado à prática, pois assim, esse professor poderá melhor protagonizar as mudanças necessárias ao mundo do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes. 1999.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.
- BENTHAM, Jeremy. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998
- FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.